

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

**Ana Clara Ferreira Rodrigues**

**Música e Feminismo: coletivo Barulhinho de Mulher  
como incentivo na ocupação das mulheres na música**

São Paulo

2023

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

**\Música e Feminismo: coletivo Barulhinho de Mulher  
como incentivo na ocupação das mulheres na música**

**Ana Clara Ferreira Rodrigues**

**Orientador: Prof(o). Dr(o). Dennis de Oliveira**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Gestor de Projetos Culturais.

São Paulo  
2023

## **MÚSICA E FEMINISMO: COLETIVO BARULHINHO DE MULHER COMO INCENTIVO NA OCUPAÇÃO DAS MULHERES NA MÚSICA**

**Ana Clara Ferreira Rodrigues**

**Resumo:** Este projeto investigou o impacto do Coletivo Barulhinho de Mulher nas participantes em relação à sua atuação na cena musical e experiência no grupo, abrangendo desde os modos mais simples de contato com a música e instrumentos. Os principais pontos abordados foram: a análise do perfil das participantes do coletivo, a investigação de como chegaram até o grupo e a compreensão de como ele se organiza. Para isso, foram realizadas entrevistas com 4 participantes e coletados 20 questionários, a fim de aprofundar a investigação. Durante as entrevistas, as participantes compartilharam experiências de acolhimento, conforto e estímulo para explorar e desenvolver suas habilidades musicais. Esses relatos destacaram o papel direto do coletivo como incentivador, criando um ambiente positivo de apoio e empoderamento por meio da experiência em grupo.

**Palavras-chave:** Mulheres. Feminismo. Instrumentistas. Gênero e música. Coletivo.

### **Music and feminism: Barulhinho de Mulher Collective as an incentive in women's engagement in music**

**Abstract:** This project investigated the impact of the Barulhinho de Mulher Collective on the participants in relation to their involvement in the music scene and their experience within the group, encompassing various levels of engagement with music and instruments. The main points addressed were the analysis of the participants' profiles, the investigation of how they became part of the group, and understanding its organization. To achieve this, interviews were conducted with four participants, and 20 questionnaires were collected to deepen the investigation. During the interviews, the participants shared experiences of acceptance, comfort, and encouragement to explore and develop their musical abilities. These accounts highlighted the direct role of the collective as an empowering and supportive environment through the group experience.

**Key words:** Women. Feminism. Instrumentalists. Gender and music. Collective.

### **Música y feminismo: el colectivo Barulhinho de Mulher como incentivo en la participación de las mujeres en la música**

**Resumen:** Este proyecto investigó el impacto del Colectivo Barulhinho de Mulher en las participantes en relación con su actuación en la escena musical y su experiencia en el grupo, abarcando desde las formas más simples de contacto con la música y los instrumentos. Los principales aspectos abordados fueron: el análisis del perfil de las participantes del colectivo,

la investigación de cómo llegaron al grupo y la comprensión de cómo se organiza. Para ello, se realizaron entrevistas a 4 participantes y se recopilaron 20 cuestionarios con el fin de profundizar en la investigación. Durante las entrevistas, las participantes compartieron experiencias de acogida, confort y estímulo para explorar y desarrollar sus habilidades musicales. Estos relatos destacaron el papel directo del colectivo como impulsor, creando un ambiente positivo de apoyo y empoderamiento a través de la experiencia grupal.

**Palabras clave:** Mujeres. Feminismo. Instrumentistas. Género y música. Colectivo.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Gestor de Projetos Culturais.

<sup>2</sup> Ana Clara Rodrigues é graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Fumec em Belo Horizonte - MG, concluído em 2018.

## Introdução

Os reflexos do sistema patriarcal são profundos na vida das mulheres. Pensando nos possíveis caminhos criados para combater a desigualdade de gênero, podemos observar coletivos de mulheres que se organizam das mais diversas formas. Paralelamente, a discussão feminista desempenhando um papel crucial na conscientização da sociedade, questionando normas opressivas e lutando por direitos e equidade.

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. (TELES, 1993, p. 10)

O surgimento do coletivo Barulhinho de Mulher, objeto dessa pesquisa, se deu em março de 2021, durante a pandemia, na cidade de Belo Horizonte - MG. Originalmente como uma ação dentro do perfil do Instagram 'Barulhinho Bom', lançada no dia 8 de março, uma das datas mais conhecidas por celebrar o Dia da Mulher.

O objetivo da ação era proporcionar visibilidade, atenção e espaço para a música produzida por mulheres, em todas as etapas da cadeia criativa. Devido ao isolamento social, tudo ocorreu no ambiente virtual, e acabou se tornando uma espécie de "corrente" e espaço onde mulheres, mesmo sem estudarem música ou praticarem profissionalmente, podiam expressar-se de maneira informal. Elas cantavam, tocavam seus instrumentos e compartilhavam por meio de vídeos que foram postados no Instagram.

Mais tarde, com o desejo de continuar com aquele "movimento", algumas mulheres decidiram se reunir na cidade de Belo Horizonte para conversar sobre música e tocar juntas. Esses encontros continuam acontecendo e alcançando cada vez mais pessoas. E assim, aos poucos, o Barulhinho se tornou um coletivo de incentivo e empoderamento de mulheres através da música. Hoje presente na cidade de Belo Horizonte - MG e Olinda - PE, destaca-se como espaço de acolhimento e pensamento crítico acerca da ocupação das mulheres no setor musical.

A falta da publicidade e representatividade de autoras na música acaba por desestimular outras mulheres a se enveredar por esse ofício, mantendo o status quo vigente neste meio, o que por sua vez reforça e embasa mitos de incapacidades femininas como instrumentistas, regentes, arranjadores e compositoras. (Autor desconhecido, Sonora Festival, 2022).

Neste estudo, investigou-se o impacto do coletivo feminista musical Barulhinho de Mulher nas participantes, abordando os conceitos de feminismo, cultura, coletivos culturais, gênero e música. Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico para fundamentar a reflexão, com destaque para os autores Bell Hooks, John Thompson e Camila de Luna Paiva. Em seguida, foram conduzidas pesquisas qualitativas e quantitativas, incluindo entrevistas de profundidade via Zoom e questionários respondidos por 20 participantes por meio do Google Forms. Por fim, os dados foram analisados e relacionados à literatura, visando compreender o impacto do coletivo nas participantes.

## **1. Problematização e marcos teóricos**

Essa pesquisa investiga o impacto que o coletivo Barulhinho de Mulher tem para as participantes, assim como o perfil das integrantes do coletivo, a forma como chegaram até o ele e como o grupo se organiza à luz da literatura de alguns autores das áreas deste contexto.

### **1.1 Barulhinho de Mulher, um coletivo feminista musical**

"Mulheres nos Instrumentos, isso é um Movimento! O BM é um coletivo feminista musical, um espaço de troca de sons e histórias entre mulheres que pretende empoderar e incentivar as mulheres na - e através - da música" (Barulhinho de Mulher, 2023, home) .

A partir da reflexão sobre a abertura de espaço e atuação das mulheres na música surgiu o Barulhinho de Mulher, em que no encontro e na troca em uma rede de mulheres, busca incentivar a expressão musical de cada uma para tocar, cantar e reconhecer suas potências.

Em março de 2021 iniciou-se uma ação/campanha no instagram para movimentar e dar visibilidade a mulheres envolvidas com música em um trabalho de rede. Em outubro o

movimento sai das telas para o mundo real, espalhando-se como ideia e evento feminista musical.

[...] com a flexibilização da pandemia e o retorno das atividades presenciais, três mulheres parte do projeto inicial decidiram se reunir com o desejo de que aquelas trocas pudessem ser vivenciadas pessoalmente, em corpo e voz. Nesse momento houve uma conexão com Adriana Araújo e Juliana do Carmo que participavam do Coletivo Palko Aberto, que reúne pessoas no espaço público para fazer música. Assim sendo, com as forças somadas aconteceu o primeiro encontro do Barulhinho de Mulher no dia 31 de outubro de 2021 em BH, onde segue mensalmente acontecendo pela liderança de Adriana e Juliana que hoje encabeçam o projeto na capital mineira. (Barulhinho de Mulher, 2023, nossa história)

Um pouco mais tarde, em fevereiro de 2022, com a mudança de uma das integrantes para a cidade de Olinda - PE, forma-se mais um pequeno grupo, agora no nordeste.

"Mais tarde, com a mudança de Ana Clara para Pernambuco surge a segundo ponto no mapa do Barulhinho de Mulher com a formação de um grupo na cidade de Olinda, onde iniciou com um grande entusiasmo do público local."(Barulhinho de Mulher, 2023, nossa história)

Uma vez por mês o coletivo promove um encontro com roda de conversa e palco aberto somente para mulheres, sejam elas cis, trans ou não binárias. Com cerca de 3 horas, as reuniões são ocasiões de celebração, troca e descobertas de suas potencialidades musicais. Reunidas, as participantes também compartilham sobre sua própria relação com a música. Diversas vezes apresentam em comum um sentimento de insegurança e solidão, bem como outras dificuldades que, através do grupo, são trabalhadas. Assim, o coletivo busca quebrar esses padrões e incentivar mais mulheres a se abrir e lançar no mundo da música.

## **1.2 Cultura**

No que tange o conceito de cultura, John B. Thompson (2011) aponta que o estudo dos fenômenos culturais é uma investigação do mundo sócio-histórico, o qual possui um vasto campo de significados. "Pode ser pensado como o estudo das maneiras como expressões significativas de vários tipos são produzidas..." (THOMPSON, 2011, p. 165)

Desse modo, Thompson apresenta o conceito de cultura enfatizado nas contextualizações sociais das formas simbólicas. Sendo assim, o caráter do estudo de cultura é simbólico e ligado à vida social, porém, com a necessidade de que seja analisado a partir dos aspectos: intencional, convencional, estrutural e referencial.

Segundo o autor, a cultura desempenha um papel fundamental nas relações sociais, uma vez que influencia a construção de identidades individuais e coletivas, a organização social e as formas de interação entre os membros de uma sociedade. Thompson destaca a importância de compreender a cultura como um processo dinâmico e em constante transformação, moldado pelas práticas e interações sociais cotidianas.

### **1.3 Feminismo**

Bell Hooks, escritora teórica feminista, professora, ativista antirracista e crítica cultural, apresenta o feminismo como um movimento que visa acabar com o patriarcado, e que precisa ser esclarecido como um posicionamento necessário para a sociedade, uma vez que não se trata de ser uma causa "anti-homem".

[...] isso significa que seria inocência e equívoco de pensadoras feministas simplificar o feminismo e enxergá-lo como se fosse um movimento de mulher contra homem. Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas. (HOOKS, 2019, p.13)

Hooks destaca que é essencial que as mulheres se reconheçam como sujeitos capazes de transformar sua realidade, rompendo com as normas e expectativas patriarcais. Para Hooks, o fortalecimento das mulheres envolve tanto a dimensão individual, no sentido de reconhecer e valorizar suas próprias habilidades e potencialidades, quanto a dimensão coletiva, ao se unirem em movimentos de solidariedade e luta por seus direitos.

A autora discute sobre um feminismo interseccional de raça, cruzando com o capitalismo e gênero, evidenciando as particularidades raciais, de classe e contexto social, rompendo com a ideia de um único feminismo branco e classista que tende a perpetuar a invisibilização de mulheres negras.

Em sua obra "Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra" (2019), Bell diz que o ato de erguer a voz necessita de ações concretas que rompão com o silenciamento causado pelos processos de opressão. Em paralelo, a autora cruza com a pedagogia do educador Paulo Freire, uma de suas referências, que defende uma construção de uma educação libertadora para gerar mudança e afirmação dos sujeitos oprimidos para o alcance de sua própria voz.



## 1.4 Coletivos culturais

Os coletivos culturais de várias áreas, muitas vezes surgiram da necessidade de resistir a desigualdades, no caso do público feminino, também para combater opressões machistas e misóginas. Segundo Cesar Migliorini (2012), no artigo *O Que É um Coletivo*, a ação política destes grupos se manifesta já no modo em que se organizam em redes e coletivos, gerando uma atuação mais aberta e sem hierarquias.

Coletivo é aquilo que atinge várias pessoas que possuem um interesse em comum. Normalmente, buscando um objetivo ligado a esse interesse compartilhado, que, no caso do Barulhinho de Mulher, se trata de um movimento cultural, musical e feminista.

Os coletivos culturais atuais, são grupos de pessoas que se distribuem em várias funções diferentes, com este propósito em comum de construir uma cena artística e cultural com diferentes focos.

Os coletivos realizam de forma natural e simples, com a ajuda destas coisas que chegaram agora, os lugares compartilhados na nuvem, os meios de comunicação gratuitos, as redes sociais. A música, especialmente, se beneficia muito porque se constrói e gera riquezas e empregos a partir apenas de pessoas, de criatividade, de conteúdo, a partir de conversas, encontros e interação. (OLIVIERI; NATALE, 2010, p.35)

### 1.4 Gênero e Música

Segundo Camila de Luna Paiva (2020), musicista e pesquisadora de Gênero e Música, a partir da compreensão de que a sociedade multicultural é diversa e complexa, não é possível que a educação musical seja restrita, estática e unilateral. Com isso, em sua pesquisa "Uma Investigação a Partir das Pesquisas de Música e Gênero no Brasil", a autora faz um levantamento das produções científicas e grupos de pesquisa da temática de Música e Gênero, bem como o que eles já investigaram e sua contribuição para a Educação Musical.

As relações de poder, retroalimentadas socialmente a partir de suas inúmeras atuações de subalternização, estão inseridas nos espaços escolares. A música inserida na escola e nos espaços não formais de ensino está diretamente vinculada aos papéis sociais de diferenciação. Nesse sentido, repensar a educação musical e com ela os atravessamentos de gênero, etnicidade e raça é repensar uma estrutura milenar, hegemônica e unilateral que subalterniza historicamente sujeitos e vozes. (PAIVA, 2020, p. 88)

## 2. Materiais e métodos

Conforme Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa adota uma abordagem naturalista e interpretativa do mundo. Nessa perspectiva, as investigações desse campo ocorrem nos cenários em que os fatos se desenrolam. Os autores enfatizam que os pesquisadores utilizam uma variedade de práticas interpretativas interligadas e coletam diversos materiais empíricos, tais como estudos de caso, experiências pessoais, introspecção, histórias de vida, entrevistas, artefatos, textos e produções culturais, além de observações textuais, históricas, interativas e visuais. Esses recursos descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos.

Neste estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa de profundidade com 4 participantes do coletivo, 2 de Olinda, 2 de Belo Horizonte via zoom. As perguntas foram sobre a experiência de cada uma no grupo, como se sentem, por quê participam e qual a diferença sente na própria vida. Também foi feita uma pesquisa quantitativa de coleta de dados e, sobretudo, o levantamento de bibliografia, pois cabe ao estudo identificar a contribuição e o impacto social do coletivo assim como o contexto que tange seu propósito.

Sendo assim, algumas questões mais individuais e profundas dificilmente serão coletadas a partir de uma pesquisa que se preocupa com uma proporção estatística. Logo, é importante que a investigação seja direta com as integrantes, em uma forma mais próxima por se tratar de questões ligadas ao resultado da sua própria experiência com o grupo.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (REY, 2019, p. 3)

O questionário (pesquisa quantitativa) por sua vez oferece outros dados que são úteis no corpo do estudo, números que elucidam respostas que pedem respaldo, além de uma compreensão geral e menos individualizada do grupo. As 20 respostas contribuíram para o entendimento de questões como a identidade geral do grupo, os anseios e percepções da maioria das participantes, o perfil de faixa etária, identidade de gênero e outros.

### 3. Apresentação e análise dos resultados

Após realizar esse trabalho a partir das entrevistas e investigação bibliográfica foi possível perceber o Barulhinho como experiência de incentivo e acolhimento para mulheres de diversas realidades. Nas respostas coletadas em entrevistas com Giovanna Telles, Camila de Luna, Heloíza Rocha e Juliana do Carmo, além do questionário aplicado online, foi relatado que as participantes do coletivo Barulhinho de Mulher se sentem incentivadas e empoderadas na experiência com o coletivo.

Ao mesmo tempo, é importante destacar a diferença que cada uma vive no seu próprio processo partindo da sua própria individualidade e realidade. À luz da discussão da obra de Bell Hooks, percebemos a importância do impacto que as diferenças de acessos, classe, raça, território e história atravessam cada integrante, reverberando de maneira particular no processo de cada uma.

Nas diferenças e semelhanças, a coletividade ajuda no fortalecimento para que juntas as mulheres do grupo possam avançar no processo libertador de erguer sua própria voz através da música. “Encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado -, uma mudança em direção à liberdade” (HOOKS, 2019, p. 55).

Nas 4 entrevistas de profundidade realizadas (vide apêndice) ouvimos participantes de Belo Horizonte - MG, São Paulo - SP, Olinda - PE e Recife - PE. Como características gerais, notamos que todas as entrevistadas são jovens adultas de classe média, dentre elas mulheres brancas e negras, com formação de ensino superior completo, sendo apenas uma delas cursada em música. As demais são advogadas e enfermeira. Também a partir dos 22 formulários coletados, podemos observar algumas características dos grupos situados em Belo Horizonte e Olinda: a faixa etária das participantes varia entre 18 e 60 anos, sendo 13,6% de 18 a 24 anos; 18,2% de 51 a 60 anos; 31,8% de 36 a 50 anos e, em sua maioria, fica a porcentagem de 36,4% de integrantes na faixa de 25 a 35 anos. Quanto a identidade de gênero, essas mulheres são em sua grande maioria cisgênero, com apenas 2% de pessoas não

binárias. Todas possuem acesso a WhatsApp e Instagram, podendo ser contatada pelo grupo via internet.

Sobre a forma com qual cada uma conhece o grupo, nota-se que em sua maioria o convite chega através de uma amiga, e em alguns casos, pelo instagram. Sem apontar outras formas de divulgação além do "boca a boca" e redes sociais.

A assiduidade nos encontros varia, as que foram somente uma vez alegam em sua maioria ser por motivo de conflito de agenda, apesar de demonstrar desejo em participar mais vezes. Ao mesmo tempo que algumas integrantes se consideram pertencentes ao coletivo ainda que por participação indireta, assim como Camila de Luna, que fez parte da criação do grupo mas acompanha a distância por residir em São Paulo, onde até o presente momento, não possui nenhum grupo do Barulhinho articulado.

O questionário também aponta que o nível de contato com instrumentos e canto das participantes varia entre básico (50%) e intermediário (36,4%). Essa característica também contribui para uma informalidade que ajuda a quebrar barreiras que podem surgir em espaços musicalmente formais e ou profissionais, assim como observa Camila: "É um espaço para a experimentação artística, social e política. É algo muito desprezioso" (APÊNDICE A).

O significado do grupo para as participantes é atribuído principalmente ao acolhimento e empoderamento feminino, e de maneira mais secundária, a própria questão musical. Palavras como "potência", "empoderamento", "amizade", "afeto", "acolhida" se repetem em meio as respostas do formulário na pergunta "O que o BM significa pra você?". Nesse mesmo assunto, em entrevista Heloíza destaca que o Barulhinho preenche um espaço importante na cena cultural, despertando reflexões sobre a representatividade feminina e promovendo um senso crítico nos espaços culturais. "Eu acho que o Barulhinho de Mulher cumpre uma função social que é a de preencher um espaço que não está sendo totalmente ocupado pelas mulheres que gostam e fazem música, quer seja profissionalmente, quer seja por lazer" (APÊNDICE C).

Camila de Luna afirma que o Barulhinho nasce com a intenção de ser um espaço de acolhimento, permitindo que as mulheres se reconheçam como compositoras e experimentem sua identidade de maneira livre. Juliana, por sua vez, ressalta que o coletivo cria um ambiente acolhedor e descontraído, onde todas as participantes, independentemente de sua habilidade musical, se sentem encorajadas a expressar sua música sem julgamentos. Essas narrativas revelam que o Barulhinho de Mulher tem o poder de estimular o desenvolvimento musical, criativo e pessoal das mulheres envolvidas, oferecendo um espaço de apoio mútuo e empoderamento.

Em uma relação com a literatura de Bell Hooks sobre fortalecimento das mulheres por meio do feminismo, percebemos a importância de criar espaços seguros e inclusivos onde as mulheres possam se expressar livremente e serem valorizadas em suas capacidades. O Barulhinho de Mulher, ao proporcionar um ambiente acolhedor e estimulante, incentiva as participantes a explorarem suas habilidades musicais, a compartilharem suas experiências e a se empoderar mutuamente. Essa prática feminista se alinha com a perspectiva de Hooks de que o feminismo não se trata apenas de uma teoria abstrata, mas sim de ações concretas que buscam a transformação social e o fortalecimento das mulheres em todas as esferas da vida.

Heloíza, em seu relato no apêndice D, destaca o Barulhinho de Mulher como uma iniciativa que vai além da simples execução musical, trazendo consigo uma proposta filosófica de reflexão e questionamento. Enquanto existem outros grupos formados por mulheres em Olinda, nenhum deles levanta a bandeira do Barulhinho, que busca despertar o senso crítico nas mulheres, chamando a atenção para a falta de representatividade feminina nos palcos, na produção cultural e nas manifestações. Assim, o Barulhinho de Mulher se configura como um ato político que envolve educação, provocação e conscientização, desafiando as estruturas e normas patriarcais presentes nos espaços culturais.

Camila, como pesquisadora acadêmica, aponta a importância prática do Barulhinho de Mulher em sua trajetória. Ela destaca que, durante suas pesquisas sobre música e gênero a partir de 2019, observou a criação de coletivos que visam potencializar e incentivar as mulheres na música. Para ela, esses coletivos surgem como uma resposta necessária para enfrentar a estrutura patriarcal que permeia todos os espaços de conhecimento e organização.

Para ela, o Barulhinho de Mulher vai além de potencializar a fruição e a expressão

musical, ele também permite às mulheres experimentarem sua identidade por meio da música. Ela relata que durante sua graduação, participou de conjuntos instrumentais e práticas musicais coletivas, mas foi no Barulhinho que ela encontrou um espaço de experimentação, onde percebeu que estava tudo bem errar, o que se tornou libertador.

## **5. Considerações finais**

Em conclusão, a análise do perfil das participantes do coletivo Barulhinho de Mulher revela a diversidade presente em seu contexto. Mulheres de diferentes origens, profissões e habilidades musicais se unem nesse espaço de acolhimento e empoderamento. Através de relatos como os de Juliana, Heloíza e Giovanna nos apêndices A, D e E, respectivamente, é possível perceber que o coletivo atrai mulheres de diversas trajetórias e identidades, proporcionando um ambiente inclusivo onde todas se sentem à vontade para expressar sua musicalidade.

Quanto à forma como as participantes chegaram até o coletivo, os relatos também revelam diferentes caminhos e motivações. Algumas descobriram o Barulhinho por meio de indicações de amigas ou por interesse em explorar a música como lazer, enquanto outras se sentiram atraídas pela proposta política e crítica do coletivo. O Barulhinho se tornou um ponto de encontro onde mulheres encontraram apoio mútuo, inspiração e a oportunidade de se conectar com outras artistas e amantes da música.

No que diz respeito à organização do coletivo, é possível perceber que o Barulhinho de Mulher vai além da simples execução musical. Ele se propõe a ser um espaço de reflexão, questionamento e desconstrução das normas patriarcais presentes na indústria e nos espaços culturais. Através de encontros, práticas musicais coletivas e performances públicas, o coletivo promove o empoderamento feminino, estimula o senso crítico e desperta a conscientização sobre a falta de representatividade das mulheres nos palcos e na produção cultural.

Em suma, o Barulhinho de Mulher se destaca como um projeto que reúne mulheres de diferentes perfis e trajetórias musicais, proporcionando um ambiente acolhedor e

empoderador. Sua forma de organização vai além da música, englobando uma proposta filosófica de reflexão e questionamento, desafiando as estruturas patriarcais presentes nos espaços culturais. O coletivo se torna um espaço de conexão, aprendizado e transformação, onde as participantes se sentem motivadas e incentivadas a explorar suas habilidades musicais, aprimorar suas técnicas e se expressar de forma autêntica. É um ambiente que impulsiona o empoderamento feminino, promovendo o senso de pertencimento, a confiança e o estímulo para que as mulheres sejam protagonistas em suas jornadas musicais. O Barulhinho de Mulher se configura como um verdadeiro catalisador de talentos, inspirando e impulsionando o potencial criativo de cada participante.

## Referências bibliográficas

TELES, Maria Amélia. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Ed. brasiliense, 1993.

MIGLIORINI, Cesar. **O que é um coletivo?**. Belo Horizonte: Teia, 2012.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

PAIVA, Camila. **Uma Investigação a partir das pesquisas de música e gênero no Brasil**. Montenegro: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, 2020.

OLIVIERI, Cristiane; NATALE, Edson. **Guia Brasileiro de Produção Cultural**. São Paulo: Edições SESC-SP 2010-2011.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 2011. Editora vozes.

REY, González; PUENTES, Roberto. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educação e Saúde**. EDUFU, 2019.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

## Referências online

Site Sonora Festival. Disponível em: <<http://www.sonorafestival.com>>. Acesso em 15 de Dez 2022.

Site Barulhinho de Mulher. Disponível em: <<https://barulhinhodemulher.wixsite.com/barulhinho-de-mulher>>. Acesso em 12 de Maio de 2023.



## APÊNDICE A – Entrevista Camila de Luna

Ana Clara: Se apresente, quem é Camila?

Camila: Meu nome é Camila, tenho 27 anos e sou do Grajaú, região periférica de São Paulo. Sou graduada em música e tenho pós-graduação em arte. Sou professora de arte no ensino fundamental 2 e médio. Sou uma mulher branca e lésbica, além de ser saxofonista e violonista. Vindo de uma família de classe média baixa.

Ana Clara: E como você se envolveu com o coletivo Barulhinho? Qual é o seu papel nele? O que te desperta interesse no grupo?

Camila: Então, atuo no Barulhinho de uma maneira mais distante por morar em São Paulo. Minha relação com o Barulhinho acaba sendo mais quando estou em Belo Horizonte e consigo participar dos encontros presencialmente, mas acompanho o Barulhinho pelo grupo do WhatsApp e pelo Instagram.

Sobre o meu papel, é engraçado pensar nisso. Não tenho muita clareza sobre qual seria exatamente o meu papel no Barulhinho. Acho que, de alguma maneira, estou presente no nascimento do Barulhinho. Ele surge de forma muito rápida, concebido de uma ideia para a prática em um curto período de tempo, como em outubro de 2021.

Essa velocidade na concepção do Barulhinho reflete as reflexões individuais das participantes, que são as criadoras. Acho que isso também resulta na rapidez com que as ideias se tornam práticas, como no primeiro encontro.

Então, acho que me oriento como alguém que está desde o início do Barulhinho de Mulher, há 1 ano e meio. Para mim, ele é um projeto muito importante, porque nasce com a intenção de ser um espaço de acolhimento, de tudo. Além da prática musical e vocal, é um espaço que acolhe e possibilita que as mulheres se reconheçam como compositoras. É um lugar de prática de escuta e acolhimento, onde todas nós, mulheres musicistas, compositoras e cantoras, somos atravessadas pelos diferentes aspectos de classe, etnia, raça e sexualidade.

O Barulhinho é um espaço que potencializa a fruição e a expressão musical, mas também nos permite experimentar a nossa identidade como mulheres. Para mim, essa é a grande

importância do Barulhinho. É um espaço para a experimentação artística, social e política. Nos encontros, percebemos que esses diálogos também se manifestam organicamente. É algo muito despretenso. O Barulhinho de Mulher nasceu de uma vontade despretenso e, ao longo dos meses, foi ganhando proporções maiores.

Não era esperado isso na sua criação, inicialmente era um lugar onde a gente pudesse tocar e se acolher. Mas hoje ele já está organizado em dois estados e conta com um número muito maior de mulheres. A cada encontro, novas mulheres aparecem também. E, por não ser autoritário nem hierárquico, ele se torna ainda mais potente. É um espaço aberto e livre, o que é bonito de acompanhar nas narrativas das pessoas. Naturalmente, elas se sentem acolhidas para tocar e compartilhar suas histórias. Acho que me identifico com isso e acredito que esse é o verdadeiro propósito do grupo.

Como alguém que acompanha de longe, consigo carregar um pouquinho da história desse grupo ao longo do tempo. Na narrativa da história do Barulhinho de Mulher, percebo o momento de seu nascimento.

Ana Clara: Camila, levando em consideração a reflexão de sua pesquisa sobre música e gênero, você já tinha um olhar voltado para esse tema. Acredita que o Barulhinho de Mulher se cruza com o mundo da música e gênero e tem algum impacto nesse sentido?

Camila: Sim, acredito que sim. Na época em que eu pesquisava sobre música e gênero, a partir de 2019, pude observar a criação de coletivos que visam potencializar e incentivar as mulheres na música. Esses coletivos se organizam com o interesse de enfrentar a estrutura patriarcal que atravessa todos os espaços de conhecimento e organização. Portanto, acredito que criar coletivos que promovam o empoderamento das mulheres seja uma necessidade.

Sabemos que nossos conhecimentos muitas vezes são violados e não são legitimados. Nesse sentido, acredito que o Barulhinho de Mulher, além de ser um espaço de encontro, também tem o propósito de apresentar e inserir as mulheres nesses espaços. Ele também incentiva outras mulheres, como podemos perceber nos encontros, onde algumas mulheres inicialmente participam apenas por diversão, mas acabam se aproximando e buscando conhecer mais sobre o assunto. Portanto, o Barulhinho não se limita a ser apenas um espaço para nós, mulheres, mas possui um caráter de conexão com a rua e com o espaço público, o que considero muito importante.

Por que é importante ocupar esses espaços, não é mesmo? Historicamente, as mulheres foram invisibilizadas e seus conhecimentos em música foram desvalorizados. É fundamental saber que existem projetos como o Barulhinho de Mulher que buscam incentivar e ocupar esses espaços, para que as meninas e crianças que estejam ali possam enxergar o que está acontecendo e se sentirem mais pertencentes. Quando uma mulher que passou anos com suas músicas engavetadas encontra outra mulher que compõe e canta, ela se sente muito mais representada. Essa é a possibilidade de fazer parte dessa micro sociedade, desse barulhinho de mulher. Nessa comunidade, encontramos brechas para ressignificar nossa própria história como sujeito e abrir caminhos mais promissores. É uma reflexão contínua que fazemos, incentivando umas às outras nos instrumentos, na escuta, na criação de letras. Encorajamos outras mulheres, seguimos outras compositoras e musicistas, buscando compreender os espaços que ocupamos. Acredito que é um movimento de grande importância, e não é à toa que ele cresce e se expande.

Ana Clara: Então, como foi que você chegou ao Barulhinho de Mulher? Você mencionou que estava no momento do nascimento dele, né? E como foi isso?

Camila: Claro! Foi bem simples, na verdade. Em outubro de 2021, eu fiz uma visita a um amigo meu que tinha se mudado para Belo Horizonte, onde o Barulhinho de Mulher estava acontecendo. Ele morava com a Ana Clara, que é autora desta pesquisa. Na época, eu tinha acabado de apresentar minha monografia, que investigava os grupos de pesquisa e as pesquisas sobre música e gênero no Brasil, suas temáticas e categorias de análise. Então, de certa forma, já tinha essa relação com o tema, tanto a partir da pesquisa acadêmica quanto da minha própria experiência na universidade. Foi a partir dessa visita e viagem que acabei me envolvendo com o Barulhinho de Mulher.

Acho que foi a partir desses cruzamentos dessa viagem, desse diálogo, dessa escuta, que os alicerces do Barulhinho foram sendo tecidos. Ana Clara, como mulher que se apresentava nos espaços e eu, como mulher que pesquisava sobre isso. Depois disso, começamos a pensar na possibilidade de criar um lugar assim. Foi tudo tão rápido e veloz que é difícil medir onde exatamente o Barulhinho de Mulher começou. Pode ter começado a partir desses momentos em que todas nós já refletíamos individualmente, ou talvez tenha começado realmente em

outubro, quando essas reflexões em dupla se expandiram para o primeiro encontro. Foi um encontro cheio de desafios, pois não sabíamos se seria possível ou quantas pessoas participariam.

E de repente, todo mundo estava desejando isso. Deu certo, então acho que recordar o início é lembrar disso, né? Porque existe, né? E acho que ele parte dessa junção de mulheres que já refletiam sobre isso, mas muitas vezes não sabiam como nomear. E surge desse interesse de estar juntas, de acreditar que podem existir outros espaços possíveis para estarmos em paz, eu acho.

Acho que ele não surge apenas a partir de outubro, mas que ele já existia, sabe? Já existia em nossa individualidade, na minha, na Ana, na Dri, na Juliana, na Yasmin e de todas as outras mulheres. Para mim, o fato de ele ter acontecido tão rapidamente e ter sido acolhido pelas pessoas de maneira tão rápida...

Ana Clara: A Raissa falou sobre isso no encontro do barulhinho, ela falou que precisava desse espaço, mas nunca teve. Ela costumava fazer isso sozinha, quando encontrava oportunidade, e agora não está mais sozinha, porque encontrou conexões, né? É como se as peças quebradas se juntassem no quebra-cabeça. Quer dizer, ela tem um papel no barulhinho, e em algum momento ela vai chegar e encontrar a gente. É bonito, isso é verdade.

Camila: Com certeza, é lindo ver como o barulhinho de mulher proporciona esse encontro e apoio mútuo entre as mulheres. É um espaço onde podem se unir, criar e se fortalecer juntas. E é realmente emocionante ver a transformação e o impacto que isso tem na vida de cada uma, proporcionando um sentimento de pertencimento e empoderamento. O barulhinho de mulher é uma expressão de resistência e celebração da diversidade musical e de gênero.

Ana Clara: Agora eu queria saber para você como participante. Ele teve algum impacto? Porque essa pesquisa a gente quer entender o impacto que ele tem no sentido das mulheres.

Camila: Sim, o barulhinho de mulher teve um grande impacto em mim. Mesmo sendo uma pesquisadora nessa área e dedicando tempo ao estudo, a vivência no barulhinho me motiva e me incentiva de várias maneiras. É um espaço muito mais confortável e seguro para mim. Ao

longo da graduação, participei de conjuntos instrumentais e práticas musicais coletivas, mas nada se comparava às sensações que eu experimentava quando estava no barulhinho. Era um lugar de experimentação, onde eu entendia que estava tudo bem errar, e isso era libertador.

Além disso, o barulhinho proporciona uma lógica de fazer música menos autoritária e centralizadora. É bonito poder contemplar o que está acontecendo e perceber que cada encontro é uma forma de energizar e enriquecer a prática musical. Para mim, como pesquisadora e como indivíduo, é muito gratificante observar o significado que o barulhinho tem para cada pessoa que participa. Ele desmistifica a ideia de que a música e o conhecimento musical são inalcançáveis, e isso é algo belo de perceber.

Eu vejo os movimentos que cada pessoa faz, desde alguém que começa inseguro e depois está cantando, ou alguém que começa apenas observando e depois está tocando. São esses pequenos, grandes e imensos movimentos que vão acontecendo no barulhinho. Para mim, como musicista, pesquisadora e como Camila, ele me atravessa de vários lugares. É um lugar onde me sinto acolhida e incentivada, feliz, entregue e celebrando. É algo que me alimenta de vários aspectos, dos tantos lugares que sou. É realmente lindo.

Ana Clara: Às vezes, tenho vontade de chorar várias vezes, mas tento me conter. (risos) É isso. Muito obrigada pela entrevista.

## **APÊNDICE B – Entrevista Juliana do Carmo**

Ana Clara: Se apresente brevemente, quem é Juliana?

Juliana: Oi, sou Juliana do Carmo, sou uma mulher negra, profissional da saúde e amante da música.

Ana Clara: Como você chegou até o Barulhinho e por que você se interessou em participar?

Juliana: Fui convidada pela Ana Clara e pela Adriana para participar de uma roda de conversa sobre música para mulheres. Me interessei porque acho que as mulheres precisam se aperfeiçoar, se aprimorar na música, perder o medo de se apresentar na frente das outras pessoas.

Ana Clara: O que ele te acrescenta, te traz que faz com que você queira estar ali?

Juliana: O Barulhinho me traz a sensação de que podemos estar nesse lugar, que as mulheres podem assumir a liderança na música, podem assumir o microfone, os instrumentos. Ele me traz o aconchego de poder tocar entre outras mulheres e a liberdade de tocar aquilo que gostamos, as músicas das mulheres, as músicas românticas. O Barulhinho contribui para essa motivação de aprender novas músicas, de subir no palco e poder cantar e tocar. Ele incentiva muito nesse sentido, nos sentimos em casa e confortáveis com as outras manas.

Ana Clara: Você nota que o Barulhinho tem algum impacto na sua vida? Se sim, o que mudou na sua vida a partir do Barulhinho?

Juliana: Sim, o Barulhinho tem um impacto na minha vida. Ele me motiva a aprender novas músicas, a aprimorar minhas habilidades musicais e a me sentir mais confiante ao me apresentar. Também conheci outras mulheres incríveis e fiz amizades através do Barulhinho.

Ana Clara: Você sente que o Barulhinho contribui para que você seja motivada, incentivada, encorajada?

Juliana: Sim, o Barulhinho contribui para que eu seja motivada, incentivada e encorajada. Através desse espaço, sinto que posso explorar meu potencial musical, me expressar livremente e receber apoio e encorajamento das outras mulheres participantes.

Ana Clara: Como é pra você o momento da roda de conversa nos encontros?

Juliana: O momento da roda de conversa nos encontros é muito gostoso. É um espaço onde podemos nos conhecer, compartilhar nossas experiências e ouvir umas às outras. Acho que é um momento muito bom de troca e aprendizado.

Ana Clara: Você se sente de alguma maneira mais atenta à desigualdade de gênero na música a partir das provocações do Barulhinho?

Juliana: Sim, acredito que o Barulhinho me fez prestar mais atenção na desigualdade de gênero na música. Percebi que as mulheres ainda enfrentam restrições e medos ao tocar instrumentos, e o Barulhinho vai desconstruindo isso aos poucos. Foi uma provocação que me fez refletir e estar mais atenta a essa desigualdade. O Barulhinho é uma experiência feminina e feminista que me incentiva e incentiva outras mulheres na música.

## APÊNDICE C – Entrevista Helóiza Rocha

Ana Clara: Se apresente, quem é Helóiza?

Heloíza: Então, meu nome é Heloíza, tenho trinta e um anos, sou natural da cidade de Olinda, Pernambuco. Sou advogada e comecei a ter contato com a música aos dezoito anos, mas sempre fui uma criança que tinha inclinações para música mesmo. Lembro que no colégio eu ficava batucando muito no caderno e os professores ficavam irritados. Pegava os instrumentos dos amigos dos meus pais na rua e ficava batendo, então sempre tive essa coisa, mas só vim realmente procurar um espaço pra poder tocar efetivamente quando já estava madura, com dezoito anos, que foi no Maracatu.

Ana Clara: E como foi que você chegou até o Barulhinho de Olinda?

Heloíza: Foi através de uma amiga minha querida, Ana Clara. Quando a conheci, ela já falava do Barulhinho como um coletivo que foi fundado em Belo Horizonte e ela tinha muita vontade de fazer aqui em Olinda. Depois de um Festival de Inverno em Garanhuns, a gente conseguiu colocar em prática. Fizemos a primeira edição do Barulhinho de Mulher no Bar do Ró, filho do Maestro Oséas, muito conhecido em Olinda e tradicional no frevo, o que naturalmente atrai muitas pessoas. Conseguimos uma certa visibilidade nesse primeiro encontro, e foi assim que eu conheci. Por conta de uma amiga. Mas se eu não tivesse conhecido por meio dela, eu super teria procurado me juntar, mesmo que não conhecesse ninguém, sabe? Acho interessante colocar isso. Se eu estivesse aleatoriamente com os amigos e tivesse rolando um Barulhinho, eu também me interessaria, ia seguir no Instagram, ia procurar acompanhar, porque o projeto é realmente bonito.

Ana Clara: Heloíza, e você, de certa forma, acabou ajudando a seguir com o Barulhinho em Olinda junto com a Ana Clara. Então te pergunto, o perfil de Belo Horizonte e Olinda são diferentes, né? Por que você acha que o Barulhinho pode ser útil, importante em Olinda, que já é uma cidade que tem tantos grupos, tantas manifestações culturais, tantos coletivos? Onde o Barulhinho entra como algo que tem algum papel, você acha que ele funciona?

Heloíza: Eu acho que o Barulhinho de Mulher cumpre uma função social que é a de preencher um espaço que não está sendo totalmente ocupado pelas mulheres que gostam e fazem música, quer seja profissionalmente, quer seja por lazer. Ainda que Olinda seja uma cidade

com muitas agremiações e muita capacidade cultural, existem vários grupos de mulheres, como as sambadeiras, o Soul Delas e o maracatu. No passado, o maracatu chamava-se Conchitas e era um maracatu só de mulheres. Foi uma das primeiras organizações exclusivamente femininas, mas não existe mais. Apesar de haver grupos formados por mulheres, nenhum deles levanta essa bandeira como o Barulhinho de Olinda. A proposta do Barulhinho vai além da execução musical, tem um lado poético e crítico que os outros grupos não têm. É uma forma de despertar o senso crítico nas mulheres, chamando a atenção para a falta de representatividade feminina nos palcos, na produção cultural e nas manifestações. Embora existam grupos formados por mulheres, acredito que eles não desempenham essa função tão diretamente como o Barulhinho de Olinda.

Ana Clara: Como é para você participar do Barulhinho de Olinda? Qual é a sua experiência e o que você deseja alcançar com o grupo?

Heloíza: Primeiramente, acho que faço muito pouco em comparação com a Ana Clara, que é quem realmente se dedica à organização. Preciso me envolver mais e participar ativamente das demandas. No entanto, tenho muitas expectativas em relação ao Barulhinho, pois acredito que o grupo tem potencial para evoluir e se tornar uma referência cultural. Sonho em ganhar mais visibilidade, legalizar o coletivo como uma associação sem fins lucrativos, institucionalizar a agremiação e disputar espaços ao lado de outros grupos. Quero que o Barulhinho seja reconhecido e receba incentivo do Estado para promover a cultura e envolver mais pessoas, especialmente mulheres. Também gostaria de ver o grupo expandindo e se tornando um espaço de referência para mulheres, músicas e produtoras, um centro de networking e aprendizado.

Ana Clara: Como o Barulhinho de Olinda se organiza? O que o define?

Heloíza: O Barulhinho de Olinda não é apenas uma banda. Embora algumas pessoas possam interpretá-lo superficialmente como uma banda de mulheres, ele vai além disso. Existe uma proposta filosófica de reflexão e questionamento. Não buscamos apenas tocar música, mas também provocar e constranger as pessoas ao nosso redor, despertando reflexões sobre a presença das mulheres nos espaços culturais. É um ato político que envolve educação, provocação e conscientização.

Ana Clara: E para você, qual a diferença que o Barulhinho de Olinda fez na sua vida? Ele te incentiva de alguma forma?



Heloíza: Sim, o projeto me estimula. Me estimula a querer melhorar mais, tecnicamente assim. Poxa, preciso aprender a tocar melhor isso aqui e me dedicar, né? No caso, o projeto me estimula a querer ser melhor musicista, porque hoje a gente tá com essa vertente de fazer apresentação, e por mais que o objetivo final não seja chegar nesse patamar profissional, eu acho que a gente precisa ter um certo grau de responsabilidade com o que a gente tá entregando quando alguém contrata a gente pra prestar um serviço, porque isso é prestar serviço.

E aí eu tenho essa preocupação de precisar ser melhor. E aí ele me estimula a voltar para esse lado musical mesmo. E me estimula também nessa parte criativa. Vamos criar uma empresa, vamos escrever o projeto em editais, vamos sonhar com uma sede, vamos sonhar com bloco na rua. Não tem essa parte criativa e que é também um desafio, né?

Ana Clara: Isso, Heloíza. Ótimo. É isso.

#### **APÊNDICE D – Entrevista Giovanna Telles**

Ana Clara: Primeiro, então, Giovanna, quero que você se apresente.

Giovanna: Meu nome é Giovanna Teles de Souza. Tenho quarenta e quatro anos e sou formada em Direito. Cheguei a atuar nessa área, mas depois de um tempo comecei a me interessar e me envolver na área cultural. Hoje sou produtora cultural. Inicialmente, comecei tocando em grupos de percussão aqui em Recife, onde moro. Essa experiência foi uma transformação na minha vida, pois não era algo que eu vivenciava antes. Sou uma mulher de classe média, estudei em colégios e faculdade particulares. Quando conheci o grupo de percussão, descobri um outro mundo, de baladas e entretenimento, que não conhecia. Eu frequentava outros tipos de lugares e me relacionava com pessoas que também não tinham esse conhecimento. Isso transformou minha vida, pois a partir desse contato, conheci o maracatu, o coco, o Caboclinho e diversas outras manifestações culturais que me instigaram e mudaram completamente minha vida, inclusive minha profissão. Hoje, atuo como produtora cultural e vivo imersa nesse universo, participando de rodas, sambadas de coco e eventos culturais em Pernambuco. A música e a cultura local são essenciais na minha vida e me apresentam ao mundo. Acho que é assim que posso me apresentar. Certo?

Ana Clara: E Giovanna, como você chegou até o Barulhinho e por que se interessou em fazer parte dele? Como ele te acrescenta, considerando que você já tem várias vivências na cultura popular ou em grupos?

Giovanna: Conheci o Barulhinho através da Ana Clara, que é uma das integrantes do grupo percussivo que faço parte, chamado Afojubá. Ela veio de Belo Horizonte para Pernambuco e trouxe esse projeto. Então, ela nos convidou e achei incrível. Como mencionei anteriormente, estou sempre envolvida com música e arte, apesar de tocar apenas um instrumento de percussão, o tambor. A oportunidade de estar perto da música e de mulheres me encantou. Também faço parte de um coletivo feminista chamado Brechó das Minas, que apoia pequenas empreendedoras e realiza eventos em Pernambuco, incluindo a presença de mulheres na parte musical. Estar cercada de mulheres fortalece muito a nossa identidade. Portanto, o Barulhinho era mais uma oportunidade de estar próxima da música e conviver com mulheres, o que me deixa mais à vontade, especialmente porque não sou uma artista ou musicista. É uma chance de brincar um pouco, me envolver com a música, mesmo sendo tímida. Apesar da abertura e aceitação no projeto, ainda sinto certa timidez diante de tantas mulheres incríveis e talentosas. Mas aos poucos estou me arriscando e me expressando mais, como propõe o Barulhinho, que é a ideia de as mulheres chegarem, ocuparem o espaço, tocando, cantando e se expressando. É isso que vejo no projeto Barulhinho.

E aqui em Pernambuco, por exemplo, é raro vermos mulheres ocupando certos espaços. O projeto Barulhinho oferece uma oportunidade de valorizar as mulheres e suas expressões musicais. É uma proposta muito importante, pois traz visibilidade para o talento feminino e desafia os estereótipos de gênero na música. Além disso, o Barulhinho promove a união entre mulheres, criando um ambiente acolhedor e de apoio mútuo. Para mim, fazer parte desse projeto é uma forma de me empoderar e inspirar outras mulheres a se expressarem através da música. É uma experiência enriquecedora que me acrescenta não apenas musicalmente, mas também pessoalmente.

Ana Clara: Muito obrigada por compartilhar sua história, Giovana. É inspirador ver como o Barulhinho de Olinda tem impactado sua vida e sua relação com a música e a cultura. Desejo muito sucesso em suas atividades como produtora cultural e nos projetos em que está envolvida.

Ana Clara: Quando falamos de frevo e orquestras de frevo, com instrumentos de sopro e tudo mais, é muito difícil ver mulheres, sabe? É uma raridade. Não há muitas.

Giovanna: É. Não mesmo, é realmente difícil. Portanto, é mais uma oportunidade de dar espaço para as mulheres, né? E eu espero que esse projeto tenha mais visibilidade e alcance para as mulheres. Porque ele chama, "Venham, vocês têm espaço. Venham, vamos ocupar os espaços que devemos ter, porque somos tão capazes quanto. Há mulheres, por exemplo, no solo, etc., mas às vezes não é dado um espaço adequado, como eu mencionei no carnaval. Mas achei essa proposta, esse projeto, super interessante. Espero que ele cresça aqui também.

Ana Clara: Você falou sobre como você chegou até o Barulhinho. Acho que já é algo importante que eu estava prestes a perguntar, que é como a vivência no grupo é para você, e você menciona que ainda se sente tímida, né? Você acha que, apesar de se sentir tímida ainda, vai ficando mais encorajada ali?

Giovanna: Sim, então acho assim, porque é um espaço que não tem formalidade, né? Não tem... Acho que é isso, mesmo tendo meninas que sabem tocar, sabem cantar, tem até profissionais. Eu fui me juntar ali, no cantinho, tocando algum instrumento do meu jeito. E aí acho que, com o tempo, talvez eu vá me soltando mais. Pelo ambiente acolhedor, bem descontraído. Todo mundo tocando porque, do mesmo jeito que tem as profissionais, tem aquelas que não são profissionais como eu, tocando da mesma forma. Isso me dá a sensação de que eu também posso, né? Vou me divertir aqui também, porque acho que é bem isso, ah, vamos lá. Não é um concurso, não é uma apresentação em público, embora muitas estejam em público, nem todas as pessoas estão vendo ali, mas naquele... Como posso dizer? Naquela bolhinha do Barulhinho, seja no local público ou não, é acolhedor. Você se permite, não tem ninguém ali julgando, sabe? Mesmo que você esteja tocando errado ou pegando o instrumento errado, todo mundo está curtindo, não há julgamento.

Giovanna: E tem até aquelas que não tocam, sabe? Então, em relação a isso, acho que é uma questão muito pessoal também, de se expor, de não ter coragem, vamos dizer assim. Mas, ao mesmo tempo, eu me joga e entro na brincadeira. E com certeza o grupo permite esse movimento, assim, aquele momento permite que você se solte.

Ana Clara: E hoje acho que você é uma das pessoas que sempre fala e relembra que precisamos ter momentos de conversa, o que às vezes podemos esquecer e focar apenas na parte musical e pular essa parte. Qual a importância você vê nas rodas de conversa?

Giovanna: É importante esse momento porque há uma diferenciação entre simplesmente sair com as amigas, pular, tocar e beber. Isso é uma coisa. Mas a proposta do coletivo é trazer essa temática das mulheres, ter um empoderamento, ocupar um espaço na música que não é igualmente dado aos homens.

Quando trazemos essas mulheres, no chamamento inicial, algumas podem não dar atenção. Mas quando chegam e recebem as meninas, é proposto um momento de conversa, entendendo qual é o projeto e por que estamos ali. Essa abordagem faz refletir e perceber a importância individual na cena musical e artística. Promove uma reflexão sobre empoderamento. É uma forma de dizer: "Sim, a gente precisa de mais espaço, a gente tem que se colocar. Não podemos ficar retraídas pensando que não podemos, que não há espaço". É uma oportunidade para nos empoderarmos, nos mostrarmos.

Acredito que essa abertura que o grupo proporciona, trazendo outras mulheres, vai além de ser apenas uma festa. É importante explorar mais o tema nas redes sociais do Barulhinho, talvez promover uma live com convidadas gabaritadas, como uma escritora feminista ou uma psicóloga, para fortalecer o tema dentro do projeto. O Barulhinho de Olinda é o responsável por levar o projeto, mas é fundamental entender o propósito por trás dele, o tema do empoderamento. Falar sobre isso de forma mais ampla é importante para dar força ao projeto. Sempre é necessário trazer essa abordagem antes da festa, da música, para que o propósito seja lembrado, para que saibamos o motivo de estarmos ali. Não é apenas mais uma festa, existe um propósito.

É interessante também classificar essa conversa, essas empreitadas. Ouvir as meninas, seus depoimentos, e trazer relatos de situações em que ficaram tocando e não foram reconhecidas adequadamente, ou não receberam um cachê justo. Essa troca de experiências é importante.

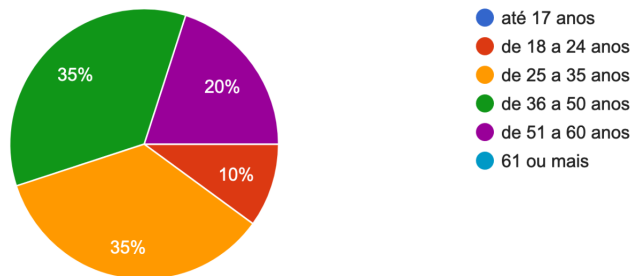
Ana Clara: Sim, concordo. É fundamental esse engajamento. Ótimo, obrigada, Gio!

## APÊNDICE E – Questionários via google forms

Link do formulário: <https://forms.gle/PXBE7rcAqznkHVGw5>

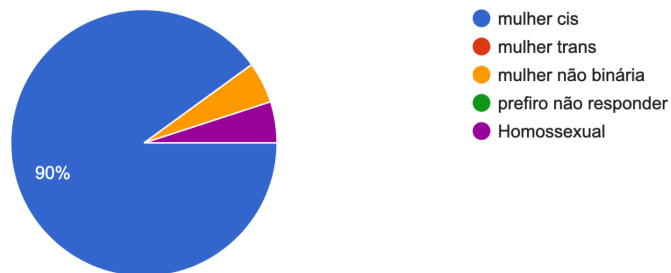
### Idade

20 respostas



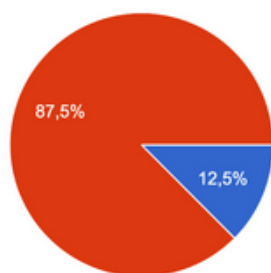
### Identidade de gênero

20 respostas



### Qual grupo você frequenta?

8 respostas



● Barulhinho de Olinda  
● Barulhinho de BH

### Como conheceu o BM?

20 respostas

nós que criamos kkk

Instagram

Contribui em sua formação

Conheci através de uma amiga que foi e compartilhou comigo no instagram.

Através da Cristina ( amiga) que toca pandeiro

Conheci o BM inicialmente em ideia e após em materialidade no primeiro encontro.

PalKo Aberto

Por uma amiga Regina Célia

Ajudando a construir com a Ana Clara e a Adriana

Através das manas do Palco Aberto

Indicação de uma amiga

Através de amigas .

Outras amigas

Via Instagram

Através de uma amiga em comum, conheci Ana Clara. Assim que ela chegou em Olinda me contou da vontade de fazer um BM. Nos organizamos depois do FIG de 2022 e fizemos nosso primeiro encontro 💜 ✨

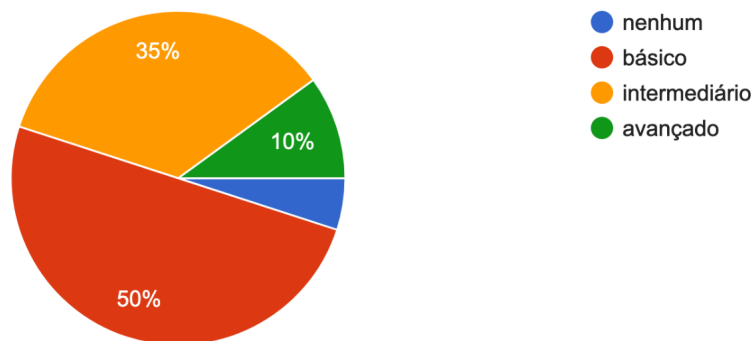
Através de Ana Clara

Fui convidada por uma prima pra um encontro e aceitei.

Divulgação oral

Como definiria seu nível de contato com instrumentos ou canto?

20 respostas



Canta ou sabe algum instrumento? Se sim, qual?

20 respostas

canto, sei violão, e um pouco de instrumentso percussivos como triângulo, meia lua e um pouco de chocalhos

Sim, canto, componho e toco pandeiro e violao, alem de outras percussoes.

Sim, Violão, triângulo e pandeiro

Gosto de cantar, tocar violão, pandeiro e percussão de um modo geral.

Pandeiro, tambor Mineiro, patangome

Violão, guitarra, baixo e saxofone alto

Não

Canto normal,toco pandeiro percussão basica e ukulele

Sim. Violão, ganzá

Gosto de cantar e de percussão

Gosto de cantar e tocar pandeiro

Pandeiro, tambor .

Alfaia e tamborim

Canto e toco rabeca, mineiro e agogô

Percussão

Sei tocar instrumentos de percussão: triângulo, pandeiro, zabumba, agogô, alfaia, agbê, ganzá.



Toco vários instrumentos de corda, de tecla e de percussão

Não

Canto. Toco pandeiro, violão, ganzá, triângulo

Toco mais instrumentos de percussão como pandeiro, agbe, alfaia

### Possui algum instrumento? Se sim, qual?

20 respostas

violão, pandeiro, triângulo, meia lua

Agogo, tamborim, pandeiro, caxixi, violao, chocalho

Violão

Sim, violao, cavaquinho, bongô, pandeiro, caxixi, berimbau, caixa de folia, repique, agogô, (enfim, temos alguns instrumentosss hahaha amooooo muito!)

Pandeiro, tambor Mineiro, patangome, surdo, agogô

Violão e saxofone alto

Não

Pandeiro, ukulele, agbe, alfaia, triângulo, chocalho, agogo

Sim. Violão. ganzá

Minha voz

Violão e pandeiro

Pandeiro, tambor.

Alfaia e tamborim

Rabeca e várias instrumentis da percussão leve

Alfaia, bongô e pandeiro

Sim. Pandeiro, triângulo, alfaia e pequenos ganzás.

Violão, contrabaixo, cavaquinho, pandeiro

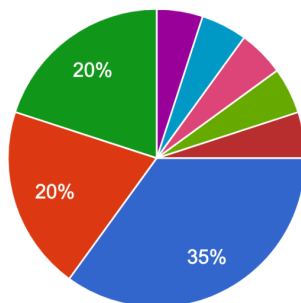
Não possuo

Pandeiro, violão, ganzá, triângulo, caxixi, flauta doce, pífano

Sim pandeiro, alfaia, agbe, ukulele, agogo, triângulo

## O que você mais tem interesse em aprender?

20 respostas



- canto
- instrumentos de percussão (pandeiro, zabumba, chocalhos e afins)
- instrumentos de sopro (pífano, flauta,...
- violão
- Vários outros. Só deu uma opção . Ca...
- todos
- Canto, violão, flauta, cânnon...
- canto e instrumentos de percussão
- Triângulo

## O que você gostaria que tivesse no BM?

20 respostas

Mais encontros

oficinas para aprendizado de instrumentos e formação sobre mulheres e alguns aprendizados no tema

Pesquisa do trabalho de mulheres na arte

Oficinas de canto/instrumentos para mulheres seria bem bacana (de repente antes dos encontros tirar uma horinha para isso)!

Oficinas de instrumentos ( ensinar a tocar) oficinas de canto, encontros nossos p nos conhecermos melhor

Eu acho que seria muito bonito se conseguíssemos estudar músicas pre-selecionadas, como criação de repertório mas também na finalidade de estudo para aquelas que se interessarem. Acho que poderíamos realizar algum vídeo e divulgá-lo, na íntegra, seja em YouTube ou Instagram

Que fosse itinerante para outras manas acessarem

20 respostas

Diálogos com alguns focos

Comidinhas

Um calendário dos encontros pra me programar e n perder nenhum.

Não sei responder

Tudo que já temos

Metais e viola

Dinheiro. Kkkkkk Brincadeiras à parte, seria muito massa que a gente pudesse ter mais instrumentos e equipamentos de som. Mas sabemos da dificuldade e entendo que faz parte do processo até conseguirmos.

Talvez convidar pessoas para dar "mini-oficinas" antes de tocarmos. Técnicas de canto, algum instrumento ou ritmo específico. Ou Antes lançar chamados para quem queira apresentar algum tipo de trabalho, ou poesia, no dia do evento. Usar o evento para dar visibilidade à algum trabalho artístico ou causa.

Uma baterista

Mais reconhecimento

Agora não me vem nada na cabeça

putz não sei

## O que você mais gosta no BM?

20 respostas

Estar reunida entre mulheres.

Oportunidade de encontro e compartilh

O Vínculo que criamos com mulheres fudas.

Acho que a possibilidade de pegar no microfone e não se sentir julgada ou pressionada.

Da energia, da garra das meninas

Sorri ao ler essa pergunta. Me dei conta que gosto de tudo: desde o movimento do encontro até a despedida

do encontro

Do espaço democrático de expressão, sem julgamentos.

O som, o diálogo, a força feminina

Poder disfrutar das experiências e tbm ver as manas superando seus limites

A possibilidade de construir um caminho legal c bons relacionamentos

Acolhimento

Alegria

A alegria do encontro é o não julgamento

Gosto da alma que o BM Olinda tem, o caos, o agito, e a possibilidade de sonhar que a gente pode levar o BM para vários lugares fazendo música.

O fato de ser um lugar acolhedor e sem julgamentos para a prática musical.

Os nossos encontros, que poderiam ser mais vezes por mês

A forma em que me acolheram para que eu pudesse participar

Da oportunidade de conhecer mulheres tão diferentes e incríveis ❤️

Da receptividade

## O que você sente falta?

20 respostas

Nada

Mais encontros

oficinas.

Composições autorais

Mais mulheres envolvidas

Oficinas de instrumentos ( ensinar a tocar) oficinas de canto, encontros nossos p nos conhecermos melhor

Talvez, no intento de diminuir a distância entre as cidades, poderíamos encontrar mecanismos de realizar encontros virtuais

Apresentação em lugares movimentados para que todxs assistam.

Talvez termos convidadas para dar umas oficinas específicas de canto ou algum instrumento.

Da periodicidade

-

Nadinha

Mais comprometimento das pessoas em assumirem responsabilidades. A gente sempre acaba recebendo ajuda para os encontros. Mas para além disso, acho que rola um sentimento de conformidade. São poucas pessoas querendo muito e sonhando, e muitas pessoas estáticas.

Do jeito que está, não sinto falta de nada. Acho que podem ser melhoradas apenas questões de infra, mas nada sobre o projeto, conceito e intenção.

Assiduidade nos encontros

De encontros mais frequentes

## O que você acha que pode melhorar?

20 respostas

Nada

organização e ajuda das participantes assim como presença.

A integração do grupo como um grande coletivo horizontal

Oficinas

A constância dos encontros ❤️ Faz falta!

Não sei dizer.

Não tenho sugestões enquanto a isso

Ter um calendário fixo

Já citado anteriormente.

Acho muito bom

Participação de mais manas

Ter encontros mais frequentes

.

Buscar recursos para a compra de instrumentos e equipamentos de som; observar a sazonalidade dos encontros para não dar pouca gente; fortalecer a banda; tentar encontrar novos espaços para os encontros e atrair visibilidade.

Talvez ter mais estrutura de som, uma estrutura própria para não depender de cada lugar onde vamos.

Atenção maior com horários e prazos

...

No momento, nada!

Talvez algumas oficinas específicas.

## O que você espera do coletivo?

20 respostas

Força, atitude, posicionamentos

Que cada uma encontre afeto e o que mais estiver esperando do mesmo

Boas energias

Sororidade e energia

Empatia e cooperação

Meu crescimento musical e o crescimento do coletivo

Recife/Olinda representam uma imensa teia cultural. E eu acho que tem espaço pro BM. Eu espero ver o BM se conectando com outras mulheres, coletivos, espaços culturais e afins.

Espero que continue crescendo, engajando mais mulheres e que tenha algum recurso próprio para ajudar nas questões de infra.

que possa avançar e expandir para outras cidades.

Encontros mensais  
Crescimento

Que continue o projeto

Espero que cheguem cada vez mais mulheres e que ocupem cada vez mais espaços e "palcos".

Que nos ajude a ter mais autonomia para tocar e cantar

Que todas se sintam respeitadas e acolhidas para que o BM seja um espaço seguro de experimentação de si, de suas musicalidades e poéticas

Que mais mulheres tenha acesso a este

Troca, bons momentos, aprendizado.

Força, atitude, posicionamentos

Que cada uma encontre afeto e o que mais estiver esperando do mesmo

Boas energias

Sororidade e energia

Empatia e cooperação

Meu crescimento musical e o crescimento do coletivo

Recife/Olinda representam uma imensa teia cultural. E eu acho que tem espaço pro BM. Eu espero ver o BM se conectando com outras mulheres, coletivos, espaços culturais e afins.

Espero que continue crescendo, engajando mais mulheres e que tenha algum recurso próprio para ajudar nas questões de infra.

Que tenha êxito em expansão de sua divulgação

Que se mantenham na resostencia e cresça cada dia mais

Que cresça aqui e em outros estados, e alcance outros públicos e oportunidades

Encontros para tocar, conversar, compartilhar música e conversas.



## O que o BM significa pra você?

20 respostas

Um espaço para acreditar mais em mim, conhecer e me aprofundar nos laços com outras mulheres, me fortalecer, me sentir capaz, me reconhecer nas outras, somar... Significa muito!

Potência dos encontros femininos

Me inspira

Liberdade para ser o que é e deixar a arte fluir em cada uma de nós sem julgamentos!

Um encontro, oportunidade de tocar sem críticas destrutivas

Potencialidade e coletivo.

Empoderamento

Um encontro potente de mulheres talentosas e cheias de vida!!

Um espaço de empoderamento feminino por meio da musica

Acolhimento, recomeço, amizade.

É a celebração do sagrado feminino. Música, alegria, empoderamento, amizade

Um movimento vibrante e acolhedor

Amizade e alegria, alem do conhecimento

Acolhimento, troca de saberes, potência feminina.

Espaço para encontrar as amigas e compartilhar da música.

Recarregar as energias através da prática musical, ter contato com outras mulheres com o mesmo propósito, compartilhar conhecimentos, histórias e vivências, conhecer pessoas novas, ocupar lugares da cidade e construir um grupo de apoio.

Uma revolução musical para mulheres expressarem suas emoções de forma livre.

Grupo de resistencia de mulheres que tocam maracatu, acolhrm e divulgam a cultura popular

Um momento de resistência, conexão e paixão. Estar entre mulheres, fazer música, unidas por um objetivo maior, são coisas que alimentam a minha alma

Um encontro de mulheres que gostam de música, de tocar juntas sem.julgamento.